

Identificação de fatores *push-and-pull* nas narrativas de imigrantes holandeses no Rio Grande do Sul

Andrei Nasser Wichrestink¹ 

Claudia Schemes² 

Identification of push-and-pull factors in the narratives of Dutch immigrants in Rio Grande do Sul

Identificación de factores push-and-pull en las narrativas de inmigrantes holandeses en Rio Grande do Sul

Resumo

Este artigo pretende, por meio da história oral de duas famílias holandesas, identificar os fatores *push-and-pull* que fizeram com que estes imigrantes viessem para o Brasil. Propõe-se investigar histórias oriundas e arraigadas a esta orientação, visando contar uma parte importante da imigração holandesa no Rio Grande do Sul enquanto fenômeno histórico, social e cultural. Quando as narrativas orais e escritas sobre a imigração destas duas famílias foram confrontadas com documentos e dados históricos, percebeu-se claramente a identificação dos fatores *push-and-pull*, bem como a sua magnitude na decisão de viver no Brasil, tanto na primeira quanto na segunda ocasião em que essas famílias migraram.

Palavras-chave: *Imigração; Holanda; Rio Grande do Sul; Fatores de atração e expulsão.*

1 Doutor em Processos e Manifestações Culturais. Professor no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: andreinasser@gmail.com.

2 Doutora em História. Professora da Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: claudias@feevale.br.

Abstract

This article aims, through the oral history of two Dutch families, to identify the push-and-pull factors that made these immigrants come to Brazil. It is proposed to investigate stories originating from and rooted in this orientation, aiming to tell an important part of Dutch immigration in Rio Grande do Sul as a historical, social and cultural phenomenon. When the oral and written narratives about the immigration of these two families were compared with documents and historical data, the identification of push-and-pull factors was clearly perceived, as well as their magnitude in the decision to live in Brazil, both in the first and on the second occasion these families migrated.

Keywords: *Immigration; Netherlands; Rio Grande do Sul; Push and Pull factors.*

Resumen

Este artículo tiene como objetivo, a través de la historia oral de dos familias holandesas, identificar los factores que llevaron a estos inmigrantes a venir a Brasil. Se propone investigar historias originadas y arraigadas en esa orientación, con el objetivo de contar una parte importante de la inmigración holandesa en Rio Grande do Sul como fenómeno histórico, social y cultural. Cuando se compararon las narrativas orales y escritas sobre la inmigración de estas dos familias con documentos y datos históricos, se vio claramente la identificación de factores push-pull, así como su magnitud en la decisión de vivir en Brasil, tanto en el primero como en el segundas ocasiones estas familias migraron.

Palabras clave: *Inmigración; Países Bajos; Río Grande del Sur; Factores de atracción y expulsión.*

Introdução

Os primeiros modelos para análise das migrações, conhecidos como *push-and-pull*, ou seja, fatores de expulsão e atração, foram elaborados por Ravenstein (1980). Tal pesquisador expõe, por meio de um estudo empírico, os motivos e especificidades sobre migração e seus atores, apresentando para isso pesquisas sobre migrações de longa e curta distância, movimentações temporárias, por motivos econômicos, dentre outras classificações. Segundo Castles, Haas e Miller (2019), a teoria *push-and-pull* apresenta a migração como um movimento voltado para a questão da renda e de outras oportunidades que fazem com que sejam vislumbradas lacunas entre as áreas de origem e as de destino. Para tais autores, variáveis como a distância, o tamanho da população e as oportunidades econômicas nas áreas de origem e de destino, configuram-se em elementos que instigam o processo de expulsão (*push*) e de atração (*pull*), sendo passíveis de análise.

A procura por fontes que permitam esclarecer as experiências dos sujeitos envolvidos em processos migratórios tem permitido que os imigrantes deixem de ser apenas números quantificados, a partir de documentos de embarque, de listas de navios, de relatórios de chegada, de censos demográficos, e passem a ser compreendidos por meio de fontes biográficas que os colocam como protagonistas da história.

Motivados pela busca por melhores condições de vida, os imigrantes chegaram ao Brasil com o objetivo de permanecer no país pelo tempo que necessitassem, quando não definitivamente. Estimulados pelos fatores de atração e de expulsão, empreenderam longas viagens, buscando alcançar seus sonhos e objetivos.

Ao tratar dos fatores que fizeram com que estes imigrantes deixassem a Holanda, bem como dos motivos que os atraíram para o Brasil, com foco na

biografia das famílias Pit e Van den Broek, propõe-se investigar, mais do que a vida de alguns holandeses, também as histórias oriundas e arreigadas a esta orientação, visando contar uma parte importante da imigração holandesa no Rio Grande do Sul, enquanto fenômeno histórico, social e cultural.

Narrar fatos da imigração holandesa para o Rio Grande do Sul no início do século XX, a partir das perspectivas das famílias Pit e Van den Broek, requer a organização das memórias dos fatos do cotidiano que fizeram parte da vida dessas pessoas, como um caminho e seus desvios, assim como daqueles que os acompanhavam. A reconstrução das memórias de uma imigração vai ao encontro das motivações que levaram à saída da Holanda e à vinda desses holandeses que fizeram do Rio Grande do Sul o seu lar.

Caminho metodológico

A metodologia principal utilizada para esta investigação foi a história oral, que é “um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações” (Delgado, 2006, p. 15).

Nesse sentido, as entrevistas são tomadas como fonte de compreensão do passado, pois elas vêm sendo analisadas como uma versão dos eventos que ocorreram, podendo desviar a percepção da realidade daquilo que ela verdadeiramente fundamenta e do que ela realmente é: “uma narrativa de experiências de vida, produzida no contexto de uma entrevista de história oral. E é enquanto tal que nos cabe analisá-la” (Alberti, 2012, p. 165).

Além disso, é possível que as memórias dos fatos possam ser reavivadas pela observação de documentos, fotos, objetos, notícias e demais documentos “âncoras” que contribuam na recordação das histórias, a partir das entrevistas que são metodologicamente executadas (Delgado, 2006). Dessa

forma, as fotos, os objetos, as notícias e os documentos serão considerados, observados e confrontados com o referencial teórico, no intuito de aproximar as narrativas das entrevistas dos fatos históricos já registrados.

Para a realização desta pesquisa, fez-se necessária a busca de referenciais teóricos, para auxiliar na caracterização do pano de fundo histórico, político, social e cultural do período em que ocorreu a imigração para o Brasil das famílias Pit e Van den Broek, corpus deste estudo, a fim de identificar na narrativa, os fatores de atração e de repulsão que caracterizam essa imigração.

Para a reconstrução dos fatos históricos associados às experiências destas famílias de imigrantes, buscamos informações por meio da metodologia da história oral, mediante o registro da voz remanescente de um neto das famílias imigrantes, apresentando os sujeitos excluídos da história oficial e inserindo-os no enredo (Alberti, 2005; Delgado, 2006), utilizando como método de coleta de dados, a análise documental e entrevistas com questões abertas, sendo que as realizadas com Leonardo Van den Broek, esclarecendo fatos e perspectivas, assim como narrativas e histórias apresentadas sob o foco das próprias memórias, foram gravadas, armazenadas e transcritas para a análise dos depoimentos obtidos.

Além da história oral, foi feita uma pesquisa documental, utilizando-se de fotos, de artigos jornalísticos e de um memorial escrito por descendentes – também imigrantes que vieram para o Brasil – e que é constituído por depoimentos de familiares, compilados em uma obra não acadêmica, que apresentava fatos dispersos e sem ordem cronológica. Portanto, a utilização deste material necessitou de atenção aos pormenores e de investigação dos fatos ali descritos, por meio do cruzamento com outras fontes disponíveis, a fim de que ele servisse de “bússola” para a construção do caminho narrativo. Além disso, como forma de verificar as informações obtidas, por meio da história oral, foram consultados documentos disponíveis no Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN, 2023). Com o conjunto deste

material, seguiu-se buscando aplicar a ideia de “paradigma indiciário” de Carlo Ginzburg, ou seja, uma análise intensiva das fontes disponíveis, a fim de reconstruir parte da história do Rio Grande do Sul, sob a perspectiva da imigração holandesa, em um período em que as imigrações destacadas foram, principalmente, a alemã e a italiana. Esses relatos são primordiais na busca dos fatores que impulsionam a saída dessas famílias da Holanda e a sua vinda para o Rio Grande do Sul, por duas vezes no período de 1908 a 1910.

A Europa e os motivos para emigrar (push factors)

Segundo Hobsbawm (2014), o século XIX foi marcado por uma série de mudanças na Europa. Foi nesse período em que a burguesia tomou o poder econômico e político, resultado de um percurso iniciado anteriormente pela Revolução francesa e, depois, pela Revolução industrial, instaurando o que conhecemos por “modernidade”.

No início do século XX, com a industrialização europeia, o fenômeno do êxodo rural aconteceu atraindo os camponeses para as cidades que tiveram um crescimento nunca observado; e esse grande número de pessoas no perímetro urbano protagonizou condições inadequadas de subsistência, desencadeando muitas adversidades no sentido de adaptação ao novo modo de vida (Hobsbawm, 2014).

Na Holanda, uma das adversidades naquele momento, além do aumento significativo da população, era a pequena área territorial e a localização geográfica. O país passava por dificuldades por não possuir espaço suficiente para o ofício da agricultura. O resultado foi a saída de inúmeras famílias do meio rural, rumo às cidades industrializadas, fazendo com que o país não escapasse aos problemas passados pela Europa, em meados de 1900, ou seja, também estavam vivenciando os efeitos do superpovoamento e da falta de trabalho, ocorridos no período naquele continente (Cordeiro, 2012). Tal

retrato da situação histórica vivida naquele período auxilia no entendimento do interesse daquela população pela imigração. Nesse seguimento, Parada (2014, p. 136) corrobora com tal reflexão expondo que “setores empobrecidos pela crise e sem perspectiva dentro do continente começaram a emigrar, pressionados pelo desemprego e pela fome”. Milhares de europeus, cruzaram o Atlântico em navios a vapor, excluídos de uma sociedade em transformação.

Emigrar foi a solução ideal encontrada, uma vez que esse panorama geral se harmonizava perfeitamente com as necessidades dos novos países – Estados Unidos, Argentina e Brasil –, que por motivos variados iniciaram um grande movimento de atração de imigrantes para suas terras (Alvim, 1998, p. 220).

As precárias condições de vida e trabalho com longas jornadas, além do trabalho infantil e baixos salários, impulsionavam as crises por toda Europa. Como resultado, ocorreu a saída em massa de emigrantes dos países europeus, entre eles estavam os holandeses que se deslocaram para as Américas (Cordeiro, 2012).

O Brasil como destino (pull factors)

Foi neste contexto que as famílias holandesas Pit e Van den Broek vieram para o Brasil por duas vezes, sendo a primeira em 1908-1909 e a segunda em 1912. Neste período, o momento histórico brasileiro auxilia o entendimento no tocante aos movimentos de *push-and-pull*, ou seja, os fatores que motivaram a saída dessas famílias da Holanda, rumo ao Brasil.

Atrair imigrantes para o Brasil foi, desde cedo, um objetivo a ser alcançado, pois eles seriam, ao mesmo tempo, força de trabalho, mercado consumidor e produtores de gêneros diversificados para a economia (Petroni, 1982). Desde o início do século XIX, mesmo com a oposição do Parlamento, houve manifestações favoráveis à abolição, ainda que fossem pouco expressivas. Nessa época, o crescimento das plantações de café tornava os escravos muito

importantes. Consequentemente, a sociedade se mostrava extremamente dependente dessa força de trabalho (Holanda, 1892).

Em 1850, ocorreu a extinção do tráfico e a situação nas lavouras cafeeiras, por conseguinte, agravou-se ainda mais com o problema da falta de mão de obra. A partir de então, a vinda de estrangeiros passou a ser desejada e o governo brasileiro voltou a se dedicar à política de colonização e imigração (Alvim, 2006). Muito relevante nesse contexto foi a propaganda feita pelo governo brasileiro para atrair esses estrangeiros. Nesta propaganda, o Brasil era exibido como o país onde poderiam alcançar os seus objetivos e a situação era bem diferente daquela vivida na Europa na segunda metade do século XIX. Falava-se nessas propagandas de “um Brasil afável, gentil, onde tudo se multiplicava à larga” com “uma natureza luxuriante e benfazeja, da qual seria possível extrair alimentos à vontade” e, o mais importante, onde “seria fácil enriquecer” (Alvim, 2006, p. 219). Já na Europa, a crise se abatia sobre a população menos favorecida e, ao mesmo tempo, o pagamento de transporte e o alojamento para imigrantes no Brasil representava, de toda forma, um incentivo (Fausto, 2012). Tais fatores atuaram como *push-and-pull* e corroboraram para o fluxo de imigrantes em grande número. Por outro lado, não se pode deixar de destacar o papel exercido pelas redes e/ou cadeias migratórias. Truzzi (2008, p. 206) afirma que:

A pessoa ou a família que pensava em emigrar tendia a confiar mais nas informações fornecidas, ao vivo ou por carta, por um parente, vizinho ou amigo, por exemplo, do que nos folhetos de propaganda distribuídos por um agente recrutador, cujos lucros dependiam apenas do número de indivíduos que conseguisse colocar a bordo de um vapor.

Assim, conforme o autor, fosse em cadeias ou em redes migratórias, concepções mais restritas ou mais abrangentes de emigração, muitos decidiram emigrar após se informarem sobre as oportunidades e as dificuldades que encontrariam. Nesse sentido, os anos compreendidos entre 1888 a 1914 são tidos como o “período áureo” da imigração, posto que as

correntes de imigrantes começam a crescer não somente em quantidade como também na variedade dos grupos étnicos (Diégues Jr., 1964).

Chegando ao Brasil, os imigrantes eram recebidos e ficavam em hospedarias até se dirigirem ao seu destino. Nesses locais havia um registro de matrícula inscrito nos livros competentes, constando dados como nome, estado, nacionalidade, profissão, lugar de destino, dia de entrada e saída. Diferente do que se poderia pensar, a permanência e a assistência dos imigrantes teve um custo. Entre os estados que mais receberam imigrantes está o Rio Grande do Sul, especialmente após a Proclamação da República (Petroni, 1990).

O Rio Grande do Sul foi o território com mais terras devolutas pertencentes ao Império que se desejou povoar (Roche, 1969). Diferente da necessidade das grandes lavouras de café, nas quais precisavam de trabalhadores para o plantio e a colheita, devido à escassez de escravos, o Rio Grande do Sul buscava imigrantes para o aumento da produção e do comércio, além do desenvolvimento do estado com a abertura de estradas que facilitariam as comunicações (Pesavento, 1992). Os autores De Boni e Costa (1984, p. 52-53) assim descrevem o Estado no início do século XIX:

[...] No Rio Grande do Sul havia um grande vazio demográfico: a metade norte, compreendendo a zona de floresta na planície, à margem dos grandes rios do estuário do Guaíba, a Encosta Nordeste da Serra e os matos do Alto Uruguai. Povoara-se, até então, a região de campanha e o litoral, onde o gado representava fonte imediata de renda, com a vantagem de quase não exigir investimento de capital. Relegara-se a mata virgem, de difícil exploração, requerendo contingentes maiores de mão-de-obra, tão escassa na época, e cujo modelo de ocupação sequer fora definido, por não saber exatamente a que tipo de produção haveria de servir. Foram para estas regiões que foram enviados os imigrantes.

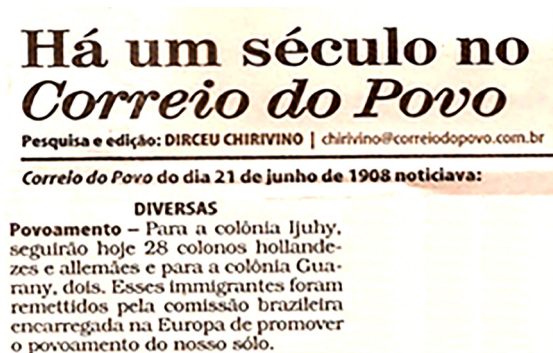
O aumento das facilidades que estimularam a emigração e a forte propaganda brasileira atingiram também outros países da Europa fazendo aportar, no país e no Rio Grande do Sul, imigrantes oriundos de outras regiões do continente europeu nas últimas décadas do século XIX. Frente às dificuldades

enfrentadas pelo estado em continuar com a subvenção de imigrantes, em 1908, o governo central voltou a apoiar o processo imigratório para o sul do país com o pagamento de passagens, auxílios durante a estadia e nos primeiros momentos nas colônias (Petroni, 1990). Conseqüentemente, o número de imigrantes aumentou e dificuldades surgiram com esse crescimento. Para tanto, um acordo com a União foi realizado em 1908, buscando limitar o seu número. Além disso, um auxílio financeiro foi disponibilizado para o estabelecimento de famílias, devendo ser posteriormente reembolsado pelo estado. Pelo acordo, seriam enviados 400 imigrantes mensalmente, mas a União logo deixou de cumprir o combinado e chegou a enviar, em janeiro de 1909, 1361 pessoas. Segundo Roche (1969, p. 122):

Os meios de transporte e alojamento eram insuficientes, bem como o número de lotes medidos de antemão. Os imigrantes esperavam, amontoados, em Ijuí ou eram desviados para as colônias particulares. O Estado queixava-se disso, pois perdia, assim, não só o montante de seus adiantamentos, como também a possibilidade de lhes controlar a instalação.

A notícia do *Correio do Povo* daquela época, apresentada na Figura 1, mostra como era narrada a chegada dos novos imigrantes no Rio Grande do Sul no ano de 1908.

Figura 1 – Recorte do jornal *Correio do Povo* do dia 21 de junho de 1908 sobre holandeses no Rio Grande do Sul.



Há um século no
Correio do Povo

Pesquisa e edição: DIRCEU CHIRIVINO | chirivino@correiodopovo.com.br

Correio do Povo do dia 21 de junho de 1908 noticiava:

DIVERSAS

Povoamento – Para a colônia Ijuhy, seguirão hoje 28 colonos holandeses e alemães e para a colônia Guarany, dois. Esses imigrantes foram remetidos pela comissão brasileira encarregada na Europa de promover o povoamento do nosso solo.

Fonte: *Correio do Povo* (1908).

Relatos e memórias convertidos em história: as famílias Pit e Van den Broek

A reconstrução da história pode ser realizada de diversas maneiras, por meio de teorias e metodologias distintas. A pesquisa elencada, entretanto, se vale de fatos coletados a partir de relatos orais que trazem uma quantidade de informações que podem redefinir temas que seriam esquecidos pelo tempo, assim como o subsídio de imagens e documentos que apresentam detalhes e minúcias que seriam difíceis de descrever somente a partir de textos. Sendo assim, Chartier (2009, p. 21) afirma que “a memória, seja ela coletiva ou individual, também confere uma presença ao passado, às vezes ou amiúde, mais poderosa do que a que estabelecem os livros de história”. O crédito às declarações se baseia na confiança conferida à testemunha, o fiador do discurso da história.

O entrevistado, Leonardo Van den Broek, traz em sua fala, baseada nas narrativas orais e escritas a que foi exposto, alguns dos motivos que desencadearam a vinda dos seus familiares holandeses para o Brasil: “Eles vieram em busca de uma vida melhor. As propagandas de terras eram muitas, com muitos benefícios. E eles procuravam uma vida melhor, mais próspera, terras e um local para construir a vida” (Van den Broek, 2021, p. 10). Dependendo dos interesses subjetivos na vida de cada pessoa ou família, bem como de suas percepções acerca das oportunidades “aqui” e “lá”, as aspirações migratórias podem ou não surgir. No entanto, mesmo que essas ambições estejam presentes, as pessoas precisam ter acesso ao capital econômico, social e humano no sentido de realizar tais pretensões migratórias (Haas, 2014). Os incentivos dados aos imigrantes eram muitos, tais como: alojamento, agasalho, alimentação, transporte e, principalmente, um lote de terras que poderia ser pago de forma parcelada, como podemos ver no *Guia do emigrante para o Império do Brazil*, reproduzido a seguir:

Figura 2 – Resumo dos incentivos do governo brasileiro apresentados aos imigrantes europeus.

**RESUMO DOS FAVORES CONCEDIDOS À
IMIGRAÇÃO ESPONTÂNEA PELO GO-
VERNO DO BRAZIL**

- 1.º Recepção no porto do Rio de Janeiro.
- 2.º Alojamento, agasalho e alimentação na hospedaria da Ilha das Flores pelo tempo necessário até seguirem os imigrantes a seu destino.
- 3.º Transporte gratuito nas estradas de ferro ou nas linhas de navegação a vapor até o lugar mais próximo do destino escolhido pelos imigrantes.
- 4.º Concessão de um lote de terras apropriadas à cultura, devidamente medido e demarcado, com a área de 300.000 metros quadrados ou 30 hectares pelo preço máximo de 200000 réis (equivalente a 1.314 francos.) Este preço poderá, entretanto variar até o mínimo de 120000 réis (equivalente a 330 francos) conforme a qualidade das terras, sendo o preço estabelecido na razão de 0,41 do rest a 1,03 réis, por metro quadrado. O valor equivalente em francos quasi sempre é inferior ao máximo acima estipulado, à vista da variação do cambio, que ordinariamente favorece a moeda estrangeira.

No cálculo feito considerou-se o cambio ao par, isto é, o franco valendo 350 réis, quando entretanto esse valor pôde crescer, tornando assim menos oneroso o pagamento dessa moeda.

5.º Facilidade ao imigrante de pagar à vista esse lote, ou em prestações, durante cinco annos, no máximo, adicionando-se-lhe no segundo caso mais 20 %, sobre a importância do lote.

6.º Liberdade ao imigrante para somente começar o pagamento por prestações a contar do começo do terceiro anno depois do seu estabelecimento; abatendo-se-lhe 6 %, sobre o valor das prestações que pagar antecipadamente.

7.º Colocação e estabelecimento no lote que lhe fôr distribuído.

Esses auxilios vão ser ampliados, sendo intenção do Governo auxiliar não só o transporte dos imigrantes dos seus países para o Brazil, como também premias pecuniarias para remunerar os melhores produtores, que se apresentarem nas exposições colonias, que se estabelecerão annualmente nas povoações de origem colonial.

O Governo trata de organizar comissões com o fim de alargar na maior escala possível a demarcação das terras devolutas e a respectiva subdivisão em lotes de 30 hectares para o estabelecimento de imigrantes, utilizando de preferencia as terras já servidas pelas estradas de ferro ou de rodagem e rios navegáveis.

Fonte: Vasconcellos (1884, p. 3-4).

Os incentivos, portanto, eram muito atraentes (Laroque *et al.*, 2019) e a possibilidade de achar uma nova pátria, obter independência e refazer a vida atraíram a atenção de Jacob Pit:

Jacob tinha o sonho de ter a sua própria casa, os seus negócios, de crescer, porque lá, na Holanda, num outro país, eles não tinham mais expectativa de melhorar de ampliar seus horizontes de melhorar de vida, então vieram buscar isso no Brasil. Até porque a promessa era muito grande de que tudo viesse a acontecer no Brasil (Van den Broek, 2021, p. 13).

Assim, segundo Haas (2014), com relação à migração, em primeiro lugar, as pessoas precisam de acesso a elementos sociais (outras pessoas), humanos (conhecimentos e habilidades) e, ainda, “capital” fatores que permitam proporcionar uma espécie de situação de conforto e de coragem para enfrentar a mudança.

Jacob Pit, agente na ideia de uma mudança, já havia realizado uma migração dentro da Holanda saindo da sua terra natal rumo a Amsterdã. Tal mudança, embora dentro do próprio país, já apresentou princípios de *push-and-pull*, ou seja, a saída da região de origem para uma grande cidade que, supostamente, forneceria condições favoráveis para o sustento familiar. Seguindo no

mesmo sentido, as mudanças provocadas pelo desenvolvimento industrial na Europa, afastava parte da população por não favorecer condições de vida e oportunidades de empregos adequados. Foi nesse contexto que Jacob Pit, agricultor, e com requisitos para sair da Holanda, vislumbrou a oportunidade de fazer morada em outro país, em 1908. Segundo Golgher (2004), as condições de expulsão (*push*) e atração (*pull*) apresentam, em parte, as justificativas dos indivíduos quando decidem migrar. O desconforto relacionado à baixa qualidade de vida existente permite a formação de critérios que interferem na decisão por buscarem locais onde possam encontrar maiores ganhos do que os que são obtidos no local de origem.

De acordo com Durand e Lussi (2015) é pelo desequilíbrio existente nos distintos locais de habitação que os fatores de atração e expulsão se apresentam como impulsionadores motivacionais dos processos migratórios, efetivados na direção do bem-estar do indivíduo, da família ou do grupo que decide pela migração, ou ainda, pela permanência no local de procedência.

A partir das entrevistas podemos entender o contexto histórico europeu vivido naquele momento: as mudanças, os conflitos e a incerteza do futuro que se abatiam sobre a vida de todos os cidadãos. As dúvidas criadas não apresentavam solução a curto prazo. A pressão interna na Holanda era de afastar classes desempregadas que se acumulavam nas grandes cidades agora industrializadas. Pode-se observar nos relatos orais que tal qual enuncia Peixoto (2004), no cerne do contexto decisório, a obtenção de informações sobre as oportunidades existentes influenciará diretamente o julgamento pela permanência ou pela migração. Assim, o modelo de *push-and-pull* afirma que a motivação existente está em reduzir o desconforto, na busca por vantagens no sentido de tomar decisões racionais para deixar o lugar de origem e migrar para locais com melhores condições de vida, principalmente em relação às questões econômicas. Para Leonardo Van den Broek, tanto seu avô materno quanto o paterno, Jacob Pit e Adriano Van den Broek, respectivamente,

fizeram a migração para o Brasil. Embora apresentassem motivações um pouco diferentes para tal mudança, para ambos, a força motriz principal para a emigração se concentrava no fato de estar se tornando cada vez mais difícil viver na Holanda.

A situação na Europa não era boa e a perspectiva de crescimento pessoal e econômico no Brasil apresentava-se muito promissora. Jacob era de origem bastante humilde, veio da colônia em busca de um emprego melhor, só que ao chegar em Amsterdã, sem instrução formal, percebeu que teria grande dificuldade. Na época, a colocação em um bom posto de trabalho apresentava-se escassa até mesmo para aqueles que já tinham preparo e traquejo nas grandes cidades e apresentava-se ainda mais difícil para aqueles que se deslocavam da colônia. Os empregos que Jacob arranjava eram de cunho braçal, subempregos, pois suas habilidades vinham da colônia (Van den Broek, 2021). Além disso, Jacob Pit também almejava a vida em um país com clima mais ameno. Em entrevista, Leonardo Van den Broek relembra os relatos de sua mãe Janke Pit, de que uma das razões que também desagradava a Jacob era o rigoroso frio que passavam na colônia em Steenwijk, na Holanda. Nesse contexto, a escolha do Brasil como destino, graças ao clima menos rigoroso, consistiu em um dos fatores favoráveis à migração.

Então lá é muito frio, então a minha vó, a minha mãe contava que os pais dela, Jacob Pit, e os avós dela, os pais do Jacob Pit e os anteriores viviam naquela região do norte da Holanda e lá eles sentiam muito frio, lá e eles tinham, eles sofriam muito com o frio do inverno tanto que esses tamancos deles eram tamancos de madeira esses tamancos de colono esses característicos hoje da Holanda, esses tamancos eram os sapatos de uso deles naquela região. Então isso que eu tenho, que eu lembro que minha mãe falava: frio, frio, frio, e quando eu era pequeno, a mãe vinha e aquecia minhas meias, colocava no fogão, nós tínhamos fogão a lenha, botava ali e esquentava as meias pra eu ir pro colégio, porque já tinha essa cultura de se aquecer porque o frio era tamanho, eu me aquecia (Van den Broek, 2021).

Sendo assim, com base nos relatos de Leonardo Van den Broek e no material escrito sobre a vinda das famílias Pit e Van den Broek, foi realizada uma

pesquisa no Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN). Pode-se verificar, então, que vieram para o Brasil, em uma mesma época, as famílias Pit e Van den Broek, essa em outubro de 1908 e aquela em janeiro de 1909, apesar do caminho trilhado por elas ter sido bem diferente. Já no documento com a lista de passageiros do navio que trouxe os imigrantes para Brasil, entre eles a família Pit, informa com precisão que três das famílias holandesas, em um total de 20 pessoas, já estavam com o seu destino definido, seguindo viagem rumo ao Estado de Minas Gerais (MG) para a região de João Pinheiro.

Segundo dados encontrados no Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN), no suposto ano da vinda das famílias Pit e Van den Broek da Holanda, ou seja, 1908, pode-se observar registros de três navios a vapor que partiram do porto de Amsterdã: Amstelland, Rynland e Zeeland, que realizaram a rota da Holanda para o Brasil, por quinze vezes nesse período, especificamente para o Rio de Janeiro, na chamada Hospedaria da Ilha das Flores – atualmente município de São Gonçalo-RJ. Além disso, é possível observar nos arquivos do Sistema do Arquivo Nacional (SIAN), que a vinda da família Pit para o Brasil não ocorreu no ano de 1908, como relatado nos materiais das fontes do acervo documental da família Pit e Van den Broek, bem como nas fontes orais de Leonardo Van den Broek, mas sim em janeiro de 1909, após 22 dias de viagem (SIAN, 2023), quando enxergaram a costa brasileira. No entanto, ainda estariam longe do destino, como recorda Rodolfo Pit:

Tínhamos que esperar um tempo no Rio de Janeiro, na baía da Guanabara, em um posto de imigração que chamavam de a “Ilha das Flores” e lá ficamos quase outro mês de quarentena. O navio não pode atracar e nos levaram em um barco até a ilha. Toda a travessia para fora da ilha era feita de barco, também até a cidade. Quando o navio foi embora se afastando começamos a nos sentir abandonados e os nossos laços com a pátria foram de vez cortados (Pit, ca. 1960, p. 14).³

³ Todas as referências de Pit, 1960 constam na seguinte fonte: PIT, Plona. [ca. 1960]. *Histórias que meu pai contava*. [Manuscrito não publicado].

Assim, passaram aquele tempo de espera na Hospedaria da Ilha das Flores, as crianças desbravando novas brincadeiras e gastando suas energias, enquanto os pais conversavam e planejavam o futuro junto aos seus conterrâneos, aguardando até serem encaminhados ao seu destino no Brasil (Van den Broek, 2021). Jacob foi encaminhado de trem, juntamente com sua família, para Minas Gerais, na fazenda João Pinheiro, uma antiga fazenda de escravos, onde foram instalados em uma senzala (Pit, ca. 1960, p. 14).

Alcançando a fazenda, que olham como um oásis desejado e o fim de seus males, qual não é o desalento em que caem quando encontram tudo diferente daquilo que lhes tinha sido pintado [...] (Alvim, 1998, p. 252).

O filho de Jacob, Rodolfo Pit, lembra que ficaram apavorados com os aposentos onde ficaram, assim como os aparelhos de tortura aos quais ficavam expostos. Ocorria que o capataz da fazenda os tratava da mesma maneira como costumava tratar os escravos, esse era o seu sentimento. Portanto, desenhoun-se uma desilusão daquilo que lhes fora publicizado em relação à realidade que, de fato, se apresentava (Pit, ca. 1960, p. 17). Os imigrantes recebiam lotes de terras em meio à mata virgem, iniciando sua vida ali com a derrubada de florestas e com a construção de sua casa. Nos tempos em que os auxílios foram cortados, essas tarefas se tornaram ainda mais difíceis. Boni e Costa (1984) colocam que o número de suicídios entre os imigrantes foi alto, bem como o de loucos, que se constatou ser quatro vezes maior do que entre os nativos.

A Imagem 3 retrata como eram os locais destinados aos imigrantes para iniciarem a vida no fim do século XIX e início do século XX. Ao chegarem nos lotes destinados, havia desmedidos desafios, como abrir picadas na mata virgem e separar material para construir as moradias como primeiro passo. Os contratemplos de enfrentar a escassez de alimentos, a língua estranha e as doenças como malária, febre-amarela, entre outras, eram algumas das inúmeras dificuldades bravamente enfrentadas (Schwarz, 2015).

Figura 3 – Chegada de imigrantes em lotes de terras no Sul do Brasil.



Fonte: Alvim, (1998).

A família de Adriano Van den Broek passou por esta situação assim que chegou em Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul. Da capital foram levados de trem, e depois de carreta, até a Colônia Guarani, na região missioneira. Naquele lugar descarregaram as caixas, os baús e todos os pertences que haviam trazido com eles da Holanda. Foram “largados” nas terras que lhes eram destinadas, onde nada havia. Primeiro fizeram uma barraca de bambu, com fogo de chão, onde cozinhavam aquilo que conseguiam ou o que havia naquele momento para comer (Pit, ca. 1960). Em realidade, já haviam passado por uma viagem interoceânica, saindo do seu habitat natural e ainda foram submetidos a outras intensas condições de viagens em outro navio, trem e carreta até um lugar ermo, para lá desenvolverem a vida sem as condições primárias como moradia e alimentação condigna. Somava-se a tudo isso, a dificuldade de comunicação (Van den Broek, 2021).

Mesmo com os empecilhos, muitos imigrantes conseguiram explorar terras até então nunca cultivadas, proporcionando um crescimento do mercado interno rio-grandense. Já por volta de 1908, segundo Skidmore,

Os imigrantes vinham basicamente para São Paulo e para o Sul. A maioria ia para os albergues de imigrantes em Santos (o porto de São Paulo) e era então encaminhada aos campos de café. Um número menor imigrou para o Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Esses eram na maioria italianos,

alemães e ainda alguns europeus orientais, que também rumavam para o campo (Skidmore, 2003, p. 105).

A família Pit tinha poucas posses, portanto, migrou com apenas alguns pertences, já os Van den Broek tinham alguns móveis, tapetes, roupas, além de alguns brinquedos e pertences pessoais. O tapete foi uma “tábua de salvação” na época em que vieram para cá. “Quando largados no meio do mato não tinham o que fazer e nem para onde ir. Nas primeiras noites que passaram no mato utilizaram o tapete como casa, como se fosse uma tenda”, lembra Leonardo Van den Broek o que lhe foi dito. Eles esperavam que o governo brasileiro auxiliasse com aquilo que havia prometido, mas apenas forneceram o mínimo para sobreviverem (Van den Broek, 2021).

Verdadeiros aventureiros, para fazer uma casa precisavam cortar as árvores e preparar as madeiras e, para comer, tinham que plantar alimentos. Nada era fácil para aquelas pessoas que vinham de uma cidade grande como Amsterdã, ainda mais para alguém que trabalhava em uma tipografia e agora, para o seu auxílio, contava apenas com algumas poucas ferramentas (Van den Broek, 2021).

Os lotes eram afastados. Percorrendo a região acharam um galpão, onde se instalaram. Era uma peça só e ao lado havia um tapado que podia servir de cozinha. Não havia portas nem janelas, só aberturas com tampos. E na cozinha reuniram umas pedras onde punham a lenha para servir de fogão. Lenha havia bastante, era só buscar no mato. Nós crianças tínhamos medo de entrar no mato, pois antes vivíamos na cidade grande e sabe-se lá o que poderia ter por lá (Pit, ca. 1960, p. 17).

Adriano Van den Broek tinha recebido um documento autorizando-o a buscar o material necessário para a construção da moradia em uma serraria. Mas quem construiria a casa? - “Vocês mesmos” - disse o homem que os atendeu. A referida empresa tinha muitas encomendas e não conseguia fornecer os insumos (Pit, ca. 1960, p. 18).

Movidos pela esperança de construir uma vida mais próspera, primeiro tinham que cortar o mato, limpar o terreno, queimar a roça e depois lançar

na terra, o mais cedo possível, as sementes que haviam recebido. Aquela terra tinha que dar frutos, o alimento para o seu sustento, para a sua sobrevivência (Pit, ca. 1960).

Não dominar os padrões nativos significava, muitas vezes, quase morrer de fome, se para os primeiros colonos que chegaram o governo antecipou seis meses de alimentos, para os que vieram posteriormente a situação piorou. Na ocasião em que lhes era designado um lote e deste tomavam posse, o governo lhes dava alimentos para quinze dias. Terminadas as provisões, eram obrigados a caminhar léguas para se reabastecer, deixando mulher e filhos sem qualquer assistência. Em muitos momentos, a ajuda de negros e caboclos foi essencial (Alvim, 1998, p. 273).

A partir da reflexão acima, apresentada por Alvim (1998), observa-se que a realidade se repetia para muitos imigrantes que vinham para o Brasil. Isso quer dizer que, junto com as terras adquiriram uma quantidade de problemas e dificuldades e quase nenhuma assistência depois que eram desembarcados no seu destino final. Todos os colonos recentemente chegados às novas terras viviam o mesmo problema, portanto, a melhor solução foi realizar um trabalho conjunto e, aos poucos, começarem a controlar as dificuldades. As crianças tinham que preparar a roça e plantar enquanto o patriarca, Adriano, trabalhava na serraria. Sobre esse fato, a esposa de Adriano, Plona Maria, diz: “quantas bolhas faziam, pisava nos galhos com espinhos, batia nas pedras”. Os pés e as mãos tornavam-se muito machucados, não usavam os sapatos porque o trabalho na terra iria estragá-los. Os sapatos eram guardados para os dias especiais e, com isso, surgiam muitos ferimentos nos dedos e nas unhas (Pit, ca. 1960).

Quando começaram a ter coragem para se aventurar no mato descobriram um córrego de água limpa e fresca. O veio era estreito e corria sobre pedras que vinham das terras de cima do morro. Percorreram as margens e mais longe aquela linha d’água se espalhava em um açude. “Agora já não haveria pressa em construir um poço”, o que era difícil pois os colonos não tinham o conhecimento e utensílios necessários para fazê-lo. Teriam que mandar fazer o poço, mas não havia dinheiro para pagar (Pit, ca. 1960, p. 19).

Com o tempo, as casas ficaram prontas assim como a plantação. Ora, as sementes que possuíam para plantar, fornecidas pelo governo, consistiam em feijão, milho, mandioca, moranga, batata-doce, assim seriam esses os alimentos que teriam para comer, todavia eram comidas estranhas para os imigrantes, que não conheciam e muitas delas não sabiam como preparar (Van den Broek, 2021).

O que faltava, como farinha de trigo, banha, arroz, açúcar e sal, se comprava ou se trocava, em um armazém que tinha de tudo, localizado a três horas a pé do local onde moravam. O dinheiro era escasso e quando este acabou começaram a vender o que tinham trazido (joias, brinquedos como bonecas, roupas destinadas para o frio, sapatos, etc.). Estavam ficando na miséria e, então, Adriano adoeceu; muitos deles adoeciam por picadas de mosquitos e outros insetos, pois quando picados as feridas inflamavam causando febres, impedindo-os de trabalhar (Pit, ca. 1960). Nota-se que a dificuldade naquele momento foi tamanha que começaram a vender seus bens particulares com o intuito de obter recursos que, muitas vezes, seriam utilizados para cuidar da própria saúde. Algumas famílias tiveram muitas dificuldades na construção das casas, o que submeteu os imigrantes a se abrigarem das chuvas em barracas feitas com taquaras e tapetes que tinham trazido (Pit, ca. 1960).

Desde o momento do embarque, Jacob caminhava e conversava bastante pelo navio Zeeland, vendo que todos estavam acomodados, descobriu um camarote desocupado que deveria servir como enfermaria (Pit, ca. 1960).

Era uma sala espaçosa com muitas camas e beliches. A viagem transcorria bem e sem a necessidade da utilização hospitalar. Então, Jacob foi falar com o comandante sobre a possibilidade de ocupar aquele lugar, argumentou que tinha uma família grande e com crianças pequenas. O capitão permitiu que eles se alojassem ali, junto com outras famílias. Entre elas havia uma família de alemães e, juntos, começaram a fazer planos na intenção de ir para o mesmo lugar (Pit, ca. 1960, p. 19).

Naquela época, na Europa, para muitas pessoas não era favorável a vida que levavam e ainda permaneciam fortes as propagandas dos países interessados em

receber imigrantes. Tais propagandas anunciavam terras, casas, ferramentas, sementes e transporte, exibindo fotografias de colonos afortunados e vitoriosos em frente às suas casas com os seus animais. Esse período apresentava movimentos de *push-and-pull*, ou seja, uma Europa expulsora e um Brasil com o interesse na atração de imigrantes (Fausto, 2012; Skidmore, 2003).

Segundo Fausto (2012), a precariedade da condição de vida na chegada ao Brasil foi tamanha para muitos, fazendo com que governos de diferentes países europeus tomassem medidas contra o recrutamento de imigrantes, proibindo a imigração subsidiada para o Brasil. Diante de tantas adversidades enfrentadas no processo de habituação, o retorno à terra natal não era um objetivo a ser descartado, muito pelo contrário, chegou um momento em que Adriano resolveu escrever para a rainha da Holanda, expondo os problemas dos colonos. Ele se identificou como descendente de um “nobre Rider van Freeswyk” que, em tempos idos, havia salvado a vida do rei da Holanda. E, de fato, através do consulado ele recebeu a resposta de que deviam apresentar-se no dia e hora marcados e, após uma entrevista, foram informados que receberiam passagens e tudo o que fosse necessário para o retorno com a família (Pit, ca. 1960).

As reclamações dos imigrantes com relação a pouca estrutura de apoio do governo brasileiro levaram as autoridades, não só holandesas, mas de outros países também, a realizar uma pesquisa no intuito de auxiliar na volta daqueles que não haviam tido êxito no Brasil (Fausto, 2012; Skidmore, 2003). Aponta Fausto (2012, p. 141) que muitos “imigrantes foram submetidos a duras condições de existência, resultantes das condições gerais de tratamento dos trabalhadores no país, onde quase equivaliam a escravos, atestam esse quadro o grande número dos que voltaram ao país de origem, as queixas dos cônsules” de muitas nacionalidades.

Em entrevista realizada com Leonardo Van den Broek foram abordados o momento e a decisão do retorno para a Holanda, bem como as lembranças de fatos relacionados a este evento, ao que o entrevistado respondeu:

Não, eles não falavam nesse assunto. Para eles isso aí, falavam que era longe, que foram para lá e voltaram e a memória de criança deles também não, não guardo muito sobre isso. Quem poderia lembrar eram os próprios Jacob e o Adriano, os avós, eles lembrariam bem quando é que foram, porque que foram, pra onde foram, como é que voltaram, mas as crianças iam aonde o pai ia né (Van den Broek, 2021, p. 11).

A Europa continuava muito conturbada, falava-se muito em uma possível guerra (a Primeira Guerra Mundial). Então, decidiram deixar de vez o Velho Mundo e voltar ao Brasil. A aspiração de viver num país com condições dignas de criar a família, como continuava sendo amplamente propagandeado pelo governo brasileiro, atraía a sua atenção. Começaram, então, novamente a se preparar, mas agora realizariam uma viagem como passageiros, pagariam por suas passagens e levariam tudo que lhes poderia servir para o seu sustento e conforto, fariam uma mudança com todos os pertences (Pit, ca. 1960; Van den Broek, 2021).

Mais uma vez Jacob Pit, com todo estímulo que ocorria na Europa para a imigração, entusiasmou-se, mas agora com o pouco de português que já havia aprendido e com a experiência adquirida, poderia ter um destino melhor. Afinal, o Brasil era um paraíso para o europeu assalariado e Jacob não vislumbrava nenhuma perspectiva de mudança ou melhoria em seu estilo de vida no seu país de origem. (Pit, ca. 1960). Atraídos por uma propaganda massiva, poloneses, alemães, espanhóis, italianos, portugueses, japoneses e entre eles os holandeses foram tomados pela febre imigratória. O mito da abundância dos trópicos casou-se bem com uma Europa que expelia sua população pobre e seus pequenos proprietários endividados. Por fim, o considerável aumento populacional em escala mundial, coadunando com a melhoria dos transportes, acabou por colocar à disposição os grandes grupos de camponeses desempregados (Alvim, 1998). “Estima-se que mais de 50 milhões de europeus abandonaram seu continente de origem em busca da tão desejada ‘liberdade’, que vinha sob a forma de propriedade e emprego” (Schwarcz, 2015, p. 323).

As melhorias em tecnologia, transporte e infraestrutura ressignificam a travessia para o Brasil, tornando-se uma aventura incerta para uma viagem imprevisível, embora o deslocamento mais rápido não apresentasse luxo e, quase todos os migrantes viajassem na terceira classe, acomodados desconfortavelmente. A partir de 1910, aqueles que podiam pagar optaram por uma passagem de segunda classe. A terceira classe continuou sendo o lugar dos mais pobres, normalmente subsidiados pelo governo brasileiro (Koops, 2009). Adriano obteve de seus tutores e educadores padres, uma carta de recomendação e saiu da Holanda com uma indicação de emprego. Já não pensava em voltar ao interior, para a colônia. Por outro lado, Jacob Pit queria ser proprietário de terras, ser colono como fora em Steenwijkerwold (Pit, ca. 1960). Embora Adriano e Jacob tenham feito, juntos, planos para a viagem, novamente realizaram a viagem em navios distintos. Nesta ocasião, a família Pit foi pioneira na movimentação, deixando a Holanda mais uma vez com o navio Zeeland no dia 24 de abril de 1912, chegando ao Brasil no dia 12 de maio do mesmo ano, segundo registros do Sistema do Arquivo Nacional (SIAN). A partir desses documentos, podemos concluir que a segunda vinda para o Brasil levou 18 dias para completar o deslocamento e que todos os membros da família que vieram na primeira viagem estavam presentes na segunda oportunidade.

Quando os imigrantes chegavam ao Brasil eram distribuídos por todos os lugares, seja para colonizar novas terras ou como mão de obra, na perspectiva da substituição do trabalho escravo, naquela ocasião “já extinto” (Fausto, 2012; Skidmore, 2003). Sendo assim, a família Pit, na ocasião da chegada ao sul do país, rumaram para a região de Erechim, no norte do Estado do RS, distante 360 km da capital Porto Alegre (Pit, ca. 1960). Adriano Van den Broek também veio para o Brasil com sua família, no navio Frísia, no dia 5 de junho, chegando no dia 24 de junho de 1912, completando assim, um período de 19 dias de deslocamento. Distintamente do rumo almejado por Jacob que pretendia morar num local onde conseguisse produzir a partir da terra e,

por isso deslocou-se para Erechim (RS), Adriano sempre teve o propósito de morar em zona urbana, assim, se estabeleceu na cidade de Porto Alegre (Van den Broek, 2021).

A partir das entrevistas podemos entender o contexto histórico europeu em que viviam naquele momento, as mudanças, os conflitos e a incerteza do futuro na vida de todos os cidadãos. As dúvidas criadas não apresentavam soluções a curto prazo. A pressão interna na Holanda era de afastar classes desempregadas que se acumulavam nas grandes cidades agora industrializadas. Jacob, desde a saída da Holanda, sempre teve uma vida no campo. Exercia o ofício de colono, desde as origens da sua infância e a perspectiva do sucesso advindo da terra que estava no âmago da sua pessoa. Sendo assim, Jacob Pit e a esposa Hiltje permaneceram na colônia (Van den Broek, 2021). O começo da segunda jornada apresentava melhores condições daqueles complicados momentos que sucederam na primeira passagem pelo Brasil. Havia trabalho e os filhos mais velhos ocupavam-se com a abertura de estradas, o que era um emprego duro de sol a sol, mas necessário para aquisição de verbas para o sustento da família. Jacó e Hiltje ficaram na colônia com os filhos menores arando e plantando na terra. Passado algum tempo, já tinham as suas galinhas, a vaca e até alguns cavalos para auxiliar nas tarefas do campo (Pit, ca. 1960).

Os imigrantes, que se instalaram como pequenos proprietários, dedicaram-se à criação de porcos, galinhas e vacas leiteiras. No setor agrícola, destacaram-se o arroz, o milho, o feijão e o fumo. O milho, no Rio Grande do Sul, era destinado à alimentação de suínos. Também plantavam batatas, verduras e frutas. “Tiveram também um papel importante na instalação de oficinas e estabelecimentos industriais” (Fausto, 2012, p. 206).

No ano de 1918, já fixados no Brasil desde abril de 1912, Jacob Pit e Hiltze Andries Eisma Pit receberam do consulado dos Países Baixos do Brasil, o Certificado de Matriculação (Figura 4), informando a sua profissão e o estado

civil, e que eram residentes na região de Erechim (RS). O documento, assim indicado pelo consulado, constituía a confirmação da imigração legal e um registro de identificação civil em solo brasileiro (Pit, ca. 1960).

Figura 4 – Certificado de Matrículação de Jacob e Hiltze Pit.



Fonte: Acervo documental da família Pit e Van den Broek (1918).

Agora aqueles imigrantes já se apresentavam como “brasileiros”. Se, por acaso, houvera uma perspectiva de retorno para Holanda, a ideia se tornava cada vez mais distante.

Considerações finais

O uso da história oral como método de pesquisa investe na verificação sobre os percursos da memória e sobre a identidade criada através da narrativa. A subjetividade insere-se, desta maneira, no âmbito da investigação de estruturas em que se inserem os indivíduos, auxiliando na construção dos ambientes onde viveram os imigrantes holandeses no Rio Grande do Sul.

O contexto histórico aqui apresentado, parte do final do século XIX, período de mudanças no cenário econômico não apenas europeu, mas mundial devido a uma nova tecnologia apresentada principalmente por equipamentos

que funcionavam com energia gerada a partir do vapor. Com o crescimento populacional e a substituição da mão de obra humana por máquinas, iniciou-se um grande excedente de pessoal, inicialmente na Europa e, com isso, o desemprego acentuado foi sendo percebido pelas famílias que deixavam o campo em direção aos grandes centros, sedentos por trabalho. Do outro lado do Oceano Atlântico, o Brasil, com sua extensão continental, apresentava-se como um país que também passava por mudanças estruturais em sua base econômica. Com o fim da escravidão e com a necessidade de povoamento do território brasileiro, inicia-se um período de atração de imigrantes, em grande parte de europeus, que ocupariam as terras e realizariam atividades voltadas para a agricultura e a pecuária. Associar história oral, através das histórias e das memórias pessoais narradas nas entrevistas com Leonardo Van den Broek, descendente de segunda geração das famílias imigrantes Pit e Van den Broek que vieram viver no Brasil, no início do século XX, possibilita estudar a imigração dos batavos, grupo que, por muitas vezes, é agrupado e abordado como parte da imigração germânica.

Assim, a partir da história oral e dos documentos apresentados, através de uma narrativa própria das versões familiares e até, muitas vezes, de um enaltecimento dos acontecimentos vividos, podemos construir uma versão da história ainda não vislumbrada pela historiografia tradicional. As informações apresentadas indicaram que tanto a família Pit quanto a família Van den Broek realizaram o trajeto de mudança da Holanda para o Brasil e que, em uma primeira experiência em solo brasileiro, não lograram êxito.

Como já haviam realizado uma primeira vivência, resolveram, segundo os relatos apresentados, realizar uma nova investida de imigração. Assim, regressam ao Brasil, mas agora, foram encaminhados para um local previamente decidido por esses imigrantes. O fato de progredirem em terras brasileiras não significa que o caminho foi fácil, pois muitos desafios se sucederam, como aprender a se comunicar com um novo idioma; a comida

diferente que foi sendo introduzida no cotidiano e, gradativamente, sendo aceita e assimilada; a moradia precária; assim como as relações pessoais que foram acontecendo e, por diversas vezes, eram alheias à sua vontade. Quando as narrativas orais e escritas sobre a imigração destas duas famílias foram confrontadas com documentos e dados históricos já publicados, percebeu-se claramente a identificação dos fatores de *push-and-pull*, bem como a sua importância na decisão de viver no Brasil, tanto na primeira quanto na segunda ocasião em que vieram.

Enfim, as famílias Pit e Van den Broek são casos individuais de imigrantes holandeses em terras brasileiras, no início do século XX, que nos ajudam a reconstruir parte da história, a partir de um ponto de vista, que permite avanços em torno dos estudos migratórios, da memória e da história do Rio Grande do Sul.

Referências

ALBERTI, Verena. De “versão” a “narrativa” no manual de história oral. *História oral*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 159-166, jul./dez. 2012.

ALVIM, Zuleika. Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 215-288 (Coleção História da vida privada no Brasil, v. 3).

BONI, Luís Alberto de; COSTA, Rovílio. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. 3 ed. Caxias do Sul: Correio Riograndense, 1984.

CASTLES, Stephen; HAAS, Hein de; MILLER, Mark J. *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World*. 6. ed. Londres: Bloomsbury Publishing, 2019.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CORDEIRO, Sônia Valdete Aparecida Lima. A Constituição da Escola Evangélica de Carambé: uma Instituição Educacional da Imigração Holandesa na Região dos Campos Gerais - PR. *Revista HISTEDBR On-Line*, Campinas, v. 12, n. 45e, p. 111-127, 2012. DOI: [10.20396/rho.v12i45e.8640112](https://doi.org/10.20396/rho.v12i45e.8640112). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640112>. Acesso em: 17 jun. 2021.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DURAND, Jorge; LUSSI, Carmen. *Metodologia e teorias no estudo das migrações*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 14. ed. São Paulo: Editora da USP, 2012.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOLGHER, André Braz. *Fundamentos da Migração*. Belo Horizonte: UFMG/ Cedeplar, 2004. Disponível em: <https://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20231.pdf> Acesso em: 17 set. 2022.

HAAS, Hein de. *Migration Theory: quo Vadis?* Oxford: International Migration Institute, 2014. (IMI Working Paper Series, v. 100). Disponível em: <https://www.migrationinstitute.org/publications/wp-100-14>. Acesso em: 13 set. 2022.

HOBBSAWM, Eric. *A era das revoluções: 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

KOOPS, Enne. Emigração holandesa para os Estados Unidos (1840-presente). *Revista online Geschiedenismagazine - HISTORIEK*, v. 183, p. 191-204, 2009. Disponível em: <https://historiek.net/nederlandse-emigratie-naar-de-verenigde-staten-1840-heden/48215/>. Acesso em: 27 jun. 2021.

MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Grafosul, 1975.

MINISTÉRIO DA GESTÃO E DA INOVAÇÃO EM SERVIÇOS PÚBLICOS. SIAN – Sistema de Informações do Arquivo Nacional. Disponível em: https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_favorito.asp?v_CodReferenciaPai_id=567717&v_CodFundo_ID=1462&v_NroOrdemInicial=&v_titulo=&Pages=16. Acesso em: 31 dez. 2022.

PARADA, Maurício. O Brasil sempre à vista. In: MARTINS, Ana Cecília Impellizieri; SOCHACZEWSKI, Monique (Orgs.). *As descobertas do Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014. p. 128-200.

PEIXOTO, João. As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas. *SOCIUS – Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações*, Lisboa, n. 11, p. 3-36, 2004. Disponível em: <https://socius.rc.iseg.ulisboa.pt/publicacoes/wp/wp200411.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.

PESAVENTO, Sandra. O imigrante na Política Rio Grandense. In: BARROS, Eliane Cruxên (Org.). *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

PETRONE, Maria Theresa. Imigração. In: FAUSTO, Boris (Org.). *O Brasil Republicano, sociedades e instituições (1889-1930)*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. (Coleção História Geral da Civilização Brasileira, tomo 3, v. 9).

PETRONE, Maria Theresa. *O imigrante e a pequena propriedade: 1824-1930*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

RAVENSTEIN, Ernest George. As leis da migração. In: MOURA, Hélio Augusto de. *Migração interna: textos escolhidos*. Fortaleza: Etene, 1980. p. 19-88.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.

SCHWARCZ, Lília Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma Biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SKIDMORE, Thomas Elliot. *Uma História do Brasil*. Tradução de Raul Fiker. 4. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. *Tempo Social - Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008.

VAN den BROEK, Leonardo. Depoimento 1 [out. 2021]. Osório, 2021. 1 arquivo IOS (75 min.). [Entrevista concedida para a autoria] para a tese de doutorado sobre *A imigração holandesa no Rio Grande do Sul no Século XX: as famílias Pit e Van den Broek*.

VASCONCELLOS, Francisco de Barros e Accioli de. *O guia do emigrante para o Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1884. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4965/1/018256_COMPLETO.pdf. Acesso em: 11 abr. 2023.

Recebido em: 13 de maio de 2023
Aprovado em: 26 de agosto de 2024